

AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida. Estudios del NT desde las ciencias sociales*, (Colección Presencia Teológica, 77), Bilbao, Editorial Sal Terrae, 1994, 242 p.

“Jesus foi crucificado pela forma como comia”¹

“Toda cultura estabelece com quem se pode comer, o que se pode comer, como, onde e quando fazê-lo, em que ordem devem estar os comensais²...*La mesa compartida* estuda as refeições de Jesus no evangelho de Lucas e as da comunidade cristã nos Atos dos Apóstolos, à luz do que a antropologia cultural nos revela acerca do sentido das refeições no mundo do Mediterrâneo do século I”. Assim é apresentada, na contracapa do livro, mais esta obra do Professor biblista espanhol, Rafael Aguirre Monasterio.

Este exegeta e professor tem em seu currículo várias outras obras sobre o Novo Testamento. Alguns anos antes de publicar o estudo que ora abordamos, ele publicou um livro intitulado: *Del movimiento de Jesus a la Iglesia cristiana. Ensayo de exégesis sociologica del cristianismo primitivo* (Bilbao, 1987), onde defendia a tese de que “a casa, como grupo humano, constituía a estrutura básica da sociedade patriarcal em que se encarnou a fé cristã”, e que isso foi “um fator-chave para o êxito histórico do cristianismo” (p. 9). Em *La mesa compartida* ele dá um passo a mais e afirma que: “o rito central da casa e da vida doméstica consiste em compartilhar da mesa, em comer juntos.” (p. 9)

Debruça-se a estudar “as refeições de Jesus e suas palavras sobre elas” principalmente na obra lucana. Embora centre-se mais no evangelho de Lucas, Rafael Aguirre faz amplas referências aos Atos dos Apóstolos, pois a ele parece que este conjunto reflete “talvez o estilo mais difundido

- 1 Afirmação baseada nos estudos de Norman B. PERRIN, *Rediscovering the teaching of Jesus*, Nova Iorque, Harper & Row, 1976, p 102-107, retirada de Robert J. KARRIS, *Luke: Artist and Theologian*, Nova Iorque, Paulist Publisher, 1985, p. 47 e 70.
- 2 O antropólogo Claude Lévi-Strauss, citado na p. 26, em sua obra *O cru e o cozido*, afirma que “o comer é a alma de toda cultura”.



e exitoso do cristianismo primitivo.” Para o autor não há dúvidas de que “o compartilhar da mesa tornou-se a cerimônia central de algumas igrejas que tinham o seu núcleo na casa.” Mas o autor também estuda as raízes desta prática: “porém parece que já antes as refeições de Jesus haviam poderosamente chamado a atenção de seus contemporâneos. Pelo menos Lucas sublinha este aspecto com muita força.” (p. 9)

La mesa compartida apresenta uma introdução seguida de cinco capítulos. Na Introdução ele diz que, em sua opinião, “a exegese bíblica é o lugar pioneiro e fronteiro por onde os estudos religiosos e teológicos entram em diálogo com as ciências profanas e com a própria razão da modernidade.” (p. 10) E mais ainda, sendo os estudos bíblicos “essencialmente interdisciplinares, têm possibilidades muito maiores de interessar a cultura leiga contemporânea do que a teologia confessional convencional.” (p. 11) Por isso, diz o autor: “a verdade é que sempre penso no interlocutor leigo, crítico e não crente.” (p. 11). Dentro dessa perspectiva, o autor, na introdução quer deixar claro que “nem a fé cristã, nem a consideração de ‘inspirados’, atribuída a determinados livros, levam a fazer ‘afirmações fácticas que determinem o quadro no qual deverá mover-se a indagação histórica’.” (p. 13) E assim o “descobrimto da realidade histórica sempre será parcial, condicionado, necessitado de complementações posteriores e aberto à crítica. E dessa lei nem o crente nem o cético se livram.” (p. 14)

O capítulo I, que ocupa mais da metade de todo o livro (p.17-133), enfoca “Jesus e as refeições no evangelho de Lucas”. Trata-se de um estudo até então inédito, realizado com o emprego da “antropologia cultural” na análise dos textos de Lucas. “São trabalhos exegéticos sobre o nervo central da fé cristã: a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus, a cruz, a relação histórica de Jesus com a Igreja e a unidade-pluralidade desta.” (p.15) Sobre o uso da antropologia cultural, Aguirre afirma que ela “ajuda-nos a entrar nas categorias do mundo mediterrâneo do século I, o que é indispensável para evitar os pecados capitais da cultura ocidental: o anacronismo e o etnocentrismo. Unir o estudo do passado do texto com sua relevância atual e pôr em diálogo os métodos tradicionais de exegese, que considero insubstituíveis, com as perspectivas da sociologia e da antropologia, são a preocupação metodológica que atravessa estas páginas.” (p. 15)

Ainda nesse capítulo, aberto com uma discussão metodológica, aborda-se detalhadamente o sentido antropológico da refeição e do banquete, primeiramente num contexto mais geral, para ir aproximando-



se do mundo mediterrâneo e, em seguida, do judaísmo do primeiro século, com todos os grupos que o conformavam. Um enfoque especial merece a imagem do esperado “banquete messiânico”. A imagem do banquete, como plenitude humana do encontro com Deus, da salvação, é “um símbolo, com complexas raízes na mitologia oriental, que se desenvolveu sobretudo na literatura apocalíptica, especialmente durante os períodos helenista e romano.” (p. 52).

Deste ponto passa a analisar as refeições em Lucas, onde estuda as refeições de Jesus com “pecadores e publicanos”; com fariseus e com seus discípulos. Enfatiza o autor que “na obra lucana se estabelece uma relação muito estreita entre participar da mesa e acolher na casa”. E sob o subtítulo “comida, casa e hospitalidade: os grandes símbolos do Reino de Deus”, demonstra que “a casa é inseparável da mesa na obra de Lucas.” (p. 107) Também “nos Atos dos Apóstolos, a casa é o lugar da comunidade cristã precisamente porque é o lugar da mesa comum e da hospitalidade.” (p. 109) Segue afirmando que “a casa, indubitavelmente, não era um mero lugar de residência. A casa é o lugar de reunião da comunidade, plataforma missionária, âmbito de acolhida dos missionários e, como grupo humano, o núcleo da comunidade. O relato de Atos nos apresenta as igrejas domésticas, que constituíram – como espaço e como grupo humano – a estrutura base da igreja cristã primitiva.” (p.110). Assim será também “a casa que proporciona as imagens para expressar os valores do reino de Deus e da Salvação: a reciprocidade generalizada, o dar sem esperar nada em troca (Lc 6,30.34-35; diferente de Mt 5,46-47; At 20,35), a atenção preferencial aos doentes, aos pobres e aos marginalizados (Lc 4,16-30; 6,20-23; 7,22-23).

E o denso capítulo I é finalizado com umas quinze páginas que mostram que em Lucas “o reino de Deus é compartilhar a mesa”. Ao comer com gente considerada pecadora, na perspectiva do Templo e da sinagoga, Jesus e seus discípulos contaminam e mancham a pureza de Israel. Por isso a afirmação de que “Jesus foi crucificado pela forma como comia.” (p.122). No seguimento dessa prática, as comunidades cristãs primitivas foram dos impuros de Israel aos pagãos, integrando judeus e pagãos num encontro que tinha a sua expressão máxima na refeição em comum, numa mesma casa. “Essa força de integração social será a chave para explicar o êxito histórico do cristianismo primitivo.” (p.124) Embora não tivessem a pretensão de “transformar *diretamente* o mundo em que viviam e suas estruturas sociais” (p. 129), as comunidades primitivas, sendo fundamentalmente um *syn-esthíein*, (comer-com) real e



cada vez mais abarcante, expressam os valores de uma nova ordem social (p. 124), uma vez que a casa cristã e as relações e práticas ali realizadas “questionam radicalmente os conceitos de honra, o sistema de pureza e as relações de patronagem” (p. 125), pilares básicos das sociedades judaica e greco-romana.

O capítulo II tematiza “o Reino de Deus e suas exigências morais” (p.135-163); o capítulo III aborda “a radicalidade de Jesus” (p. 165-177); o capítulo IV fala da “Sociologia da cruz no Novo Testamento”; o V e último capítulo trata do tema “Igreja e igrejas no Novo Testamento” (p. 201-242). Embora todos esses capítulos depreendam-se em parte do tema principal do livro, onde “a imagem do senhor servindo a mesa aos seus servos é o paradigma dos novos valores do Reino (Lc 12,37; 22,27)” (p. 125), e onde “na hora de comer já não há mais normas, ou melhor, há somente uma norma: não se pode comer se não se compartilha com os demais” (p. 127), a questão da mesa compartilhada permanece neles apenas como questão de fundo.

Apesar disso, o primeiro capítulo é de fundamental importância para a compreensão do significado e do alcance das práticas que deram origem à nossa Eucaristia. Trazem muitos elementos que nos ajudam a ver o quanto nos afastamos da prática instaurada por Jesus e seguida pelas primeiras comunidades cristãs. Ao mesmo tempo, porém, encontramos ali mesmo muitos elementos que nos permitem o resgate e uma reaproximação com a partilha do pão realizada por Jesus. Isso por si só justificaria a tradução do livro para o português.

Uma observação crítica fica por conta da metodologia usada. Apesar de reconhecer a importância da exegese histórico-crítica, considerada “insubstituível” (p. 15), o Professor Aguirre deixa de lado muitas conclusões importantes dessa metodologia ao abordar a “obra de Lucas como uma unidade narrativa”, não estudando “a tradição dos textos” e nem aprofundando muito o pano-de-fundo vétero-testamentário dos textos e dos temas lucanos.” (p. 18). Mas, embora o procedimento contrário pudesse enriquecer o livro aqui apresentado, a opção adotada pelo autor não desvaloriza seu rico trabalho. Recomenda-se fortemente a obra a todas as pessoas ávidas por reencontrarem-se com o verdadeiro Jesus na Eucaristia.

Há ainda pequenas falhas na edição analisada. Na página 96, na quinta linha do primeiro parágrafo há uma letra “O” grafada em maiúsculo, que está sobrando na frase e deve ser retirada. Na página 122, na



antepenúltima linha do item 5.1, deveria ler-se: “a los ojos de las autoridades judias, *significam...*” e não “significas”, como ali aparece. E faltam também a informação do nome completo dos periódicos usados, uma vez que do livro não consta uma bibliografia geral e nas notas – por exemplo 40; 66; 70; 80; 90; 115, e outras, aparecem somente as abreviaturas dos nomes dos periódicos. Alguns são conhecidos do pessoal da área, mas como a obra é voltada também para o povo “leigo, crítico e não crente”, faz-se necessário uma lista do significado das abreviações usadas.

*Luiz José Dietrich*³

Servidão Lucas Vidal Cardoso, 88, Córrego Grande
88037-400 Florianópolis, SC
E-mail: luizdietrich@ig.com.br

³ O Recensor é Doutor em Teologia Bíblica, Assessor do CEBI e Professor no ITESC